

BAHIA

3/3/57

A CABEI indo à Bahia para o Baile do Galo Vermelho, numa pequena comitiva de jornalistas iluminada pela presença de Tutsi Bertrand — alta, bela, jovem, dourada, de olhos verdes, uma grande menina imperial. Mas não vou falar do baile nem das moças, que isso não é ofício meu.

Direi que sempre é bom passar um dia na Bahia, onde há morros verdes junto do mar, igrejas no alto dos morros, mercados e feiras formigantes de gente, praças e ladeiras cheias de rumor e colorido, e muito perto um recanto suave antigo, entre árvores quietas e imensas, e o mar, sempre o mar cheio de velas de saveiros, emoldurando de azul singelo a cidade barroca. É preciso ir à Bahia, é absolutamente preciso ir à Bahia e não apenas «fazer um poema sobre a Bahia»; na verdade seria preciso viver na Bahia ou ter vivido na Bahia. Tenho remorso disso, eu que já vivi em tanta cidade, não ter vivido na Bahia; mas acho de uma extraordinária doçura vagabunda eu ter passado tantas vezes pela Bahia e não ter aprendido nada; não saber o nome das igrejas, confundir a direção das coisas nessa topografia também barroca, me deixar ir na ignorância para um lado e outro, apenas gozando a surpresa de uma descoberta na volta de uma ladeira, no canto de uma rua. Que beleza!

Passei o dia conversando com Carybé, ele prepara uma exposição para Buenos Aires, depois fará outra em Nova York, talvez passe uns meses nos Estados Unidos. Está fazendo uma casa no Rio Vermelho, mas o dinheiro encurtou e a obra parou. E eu e Zico temos de ter paciência, nós que secretamente tínhamos planejado, agora que a velhice avança e o cansaço aumenta, ir passar uma semana na casa nova de Carybé e depois ir ficando por ali, cada um com sua rede e sua cadeira de balanço, batendo papo sobre coisas antigas e ir ficando, ir ficando... Nossos afilhados Ramiro e Solange nos tomariam a bênção toda manhã, Nancy de vez em quando coaria um cafezinho fresco — e, como Carybé é o homem mais delicado do mundo, incapaz de mandar embora a mais chata das visitas, que dirá dos compadres, nós nos deixaríamos ficar definitivamente por ali, até morrer devagar, de velhice, na cadeira de balanço.

O gringo, porém, ainda está pobre; temos de fazer outros planos menos doces para o futuro. Zico, Carybé me leva ao Iate Clube, rodeado de mar, sobre o mar, e clube de mar do Brasil que tem mais intimidade com o mar, e ali jantamos, vemos o sol morrer além de Itaparica; a água se faz violeta... No dia seguinte volto ao Rio. Do avião ainda vejo as praias trêmulas de coqueiros, esses coqueiros da Bahia de palmas agitadas pelo vento nordeste, que a gente não sabe se estão chamando ou se estão dizendo adeus... Adeus, grande Bahia.